

# O QUE TORNA UM BOM PROFESSOR UM ÓTIMO PROFESSOR?

Lúcia Lummênya Araújo<sup>1</sup>  
Isabela Marinelli T. Castro<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente estudo visa compreender as qualidades que tornam um bom professor um ótimo professor na perspectiva de professores em formação. Foi realizada uma pesquisa etnográfica, e o instrumento de geração de dados foi um questionário autoaplicado (GIL, 2008). Desta forma, o principal objetivo do trabalho foi o de refletir acerca do papel do docente na vida de seus alunos, e o quanto eles podem ser motivados através de seus exemplos. Os conceitos de afetividade, dinamicidade e autonomia fornecidos por Piaget (1973), Montessori (1989), Libâneo (1994) e Chalita (2001) fundamentaram a análise de dados. Os resultados indicam que características como empatia, respeito e inclusão são fundamentais para uma prática docente impactante na vida do indivíduo.

**PALAVRAS-CHAVE:** docência. afetividade. pedagogia.

## ABSTRACT

The present study aims to understand the qualities that make a good teacher great from the perspective of teachers in training. An ethnographic research was carried out, and the data generation instrument was a self-administered questionnaire (GIL, 2008). In this way, the main objective of the work was to reflect on the role of teachers in their students' lives, and how much they can be motivated through their examples. The concepts of affectivity, dynamism and autonomy provided by Piaget (1973), Montessori (1989), Libâneo (1994) and Chalita (2001) supported the data analysis. The results indicate that characteristics such as empathy, respect and inclusion are fundamental for a teaching practice that has an impact on the individual's life.

**KEYWORDS:** teaching. affectivity. pedagogy.

## Introdução

Onde quer que esteja, um professor é referência direta para seus alunos. Em variados aspectos de sua prática didática, o docente pode exercer forte influência sobre a ideia que os alunos têm de si mesmos, dos outros educadores e do ambiente escolar como um todo. Diante da proximidade e da convivência diária, o professor tem a oportunidade de estimular o desenvolvimento de competências cognitivas, afetivas e sociais nos discentes (CHALITA, 2001). Mas será que todos os discentes têm consciência disso? Será que buscam aperfeiçoar sua comunicação para uma educação mais efetiva? Esse foi um dos objetivos que nos moveu a questionar o que de fato é ser um bom professor na visão de futuros profissionais da educação.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia pelo Instituto Superior Anísio Teixeira.

<sup>2</sup> Graduanda em Letras - Português/Inglês pelo Instituto Superior Anísio Teixeira.

Agradecemos imensamente à Prof.<sup>a</sup> Me. Michelle Silva de Mattos por ter auxiliado na revisão deste artigo e a todos os que nos apoiaram para a construção desta pesquisa, pois foram fundamentais para que pudéssemos ir além dos nossos objetivos.

A motivação para este estudo partiu do conteúdo abordado no vídeo *What makes a good teacher great?*, do professor Azul Terronez (2017). Em sua fala, ele fornece algumas informações que obtive ao realizar uma pesquisa com alunos de diferentes escolas e condições sociais sobre a questão do que é ser um ótimo professor. Através de seu discurso, nós nos sentimos instigadas a nos questionar acerca da mesma pergunta, especialmente porque estamos ambas em cursos de licenciatura.

Refletimos por seis meses sobre como o tema era relevante para a área educacional e impactava a visão dos professores sob a ótica dos alunos e sobre eles mesmos em sua jornada profissional. Um dos apontamentos iniciais era o conceito dado ao adjetivo “ótimo” dentro do aspecto profissional do docente: porque “ótimo”, e não somente “bom”? O que o torna significativamente diferente para seus alunos? Na verdade, posteriormente constatamos que estávamos investigando as razões pelas quais os discentes se sentiam estimulados por seus professores em sala, o que os movia a dizer: Ele(a) é inesquecível.

### **Qualidades essenciais de um docente**

A profissão docente é uma das mais básicas e necessárias da atuação social em qualquer tempo, cultura e lugar. Isso não significa que seja uma tarefa fácil, uma vez que exige um contato direto com as realidades e necessidades dos alunos. Felizmente, a visão errônea de que o professor somente transmite conteúdos vem sendo discutida dentro e fora da esfera acadêmica mas, em alguns casos, ainda está longe de ser aplicada na prática em nossas salas de aula.

No atual cenário global, há uma busca considerável de profissionais que possuam uma boa desenvoltura das habilidades comportamentais interpessoais, e esse aspecto não é esquecido na área da educação. As habilidades interpessoais (*soft skills*) propõem que o aluno desenvolva competências para além dos conteúdos escolares e trabalhe sua individualidade e capacidade de comunicação com os demais (FADEL et al., 2015). É imprescindível, porém, que essas habilidades sejam propostas de forma dinâmica, envolvendo todos os que compõem a comunidade escolar, inclusive – e principalmente – o professor. Entretanto, surgem questionamentos: quem é o professor e como ele faz a diferença no cotidiano de seus alunos? Como propor competências e habilidades interpessoais sem antes conhecermos o papel do educador dentro da sala de aula?

Em meio aos desafios entre o aprender e o ensinar, entendemos que o docente deve ser alguém que escute e compreenda o universo cultural e social de seus alunos, vá além das barreiras do conteúdo e aprendizagem, fuja da mentalidade do “aprender somente por aprender”. Em vista disso, é essencial ao professor buscar conhecer os discentes e, a partir disso,

“lançar pontes entre as tarefas escolares e as condições prévias dos alunos para enfrentá-las, pois é daí que surgem as forças impulsoras da aprendizagem” (LIBÂNEO, 1994, p. 95). Isso implica também um olhar singelo voltado para os aspectos socioemocionais que circundam o ambiente escolar. Ao estimular pontes entre o conteúdo e a realidade dos alunos, certamente o docente encontrará traços culturais e emocionais latentes. Entretanto, a intenção do fazer pedagógico não impede a compreensão afetiva dos alunos, pelo contrário, ela a fortalece, pois “dominar a sensibilidade é dirigi-la e utilizá-la de tal maneira que contribua para o aumento de nossas capacidades, e de nenhum modo constrangê-la até que desapareçam.” (HOWARD, 1984, p. 83).

A abertura ao diálogo humaniza as relações sociais e nos ajuda a entender que o espaço escolar deve ser próximo ao aluno para que haja uma educação promotora de paz (MONTESSORI, 1989). Desse modo, é importante que seja construído um ambiente acolhedor e com baixo filtro afetivo, onde o aprender não se torne uma imposição e o aluno se sinta confortável em expor suas dificuldades e ser ouvido e respeitado (KRASHEN, 1982).

Através de uma visão socioemocional, um professor atento costuma:

- 1) Observar aspectos que se destacam em seu aluno, isto é, o mestre o conhece por suas características, por seu nome (Lc. 19, 5-6).
- 2) Saber do que cada um é capaz, pois considera que a avaliação escolar nada mais é do que uma confirmação do que seu aluno já conhece e consegue realizar.
- 3) Considerar que o aprender é um todo: social e intelectual (PIAGET, 1973) e, para isso, deve entender que necessita olhar primeiro para si mesmo e para suas práticas pedagógicas, não tendo medo de identificar suas falhas e repensá-las, posto que: “A primeira e mais importante base para o progresso profissional é simplesmente sua própria reflexão sobre os eventos diários da sala de aula.” (UR, 1996, p. 319).<sup>3</sup>

## Metodologia

Para formular a ideia central da proposta investigativa, utilizamos conceitos e técnicas do ramo das ciências sociais. Alguns estudiosos se destacam ao comentar sobre a forma de pesquisa em que a comunidade envolvida é consultada por meio de uma experiência etnográfica, dentre eles Moita Lopes (1994, p. 334):

A pesquisa etnográfica origina-se na sociologia e na antropologia e focaliza o contexto social da perspectiva dos participantes [...] leva em conta que em qualquer estudo contextualizado é necessário que se leve em consideração a

---

<sup>3</sup> Esta tradução é de nossa responsabilidade: “*The first and most important basis for professional progress is simply your own reflection on daily classroom events.*”

visão que os participantes têm do contexto social. [...] o que o pesquisador deseja é entender os significados construídos pelos participantes do contexto social de modo a poder compreendê-lo.

Tendo em vista uma melhor efetivação desta pesquisa etnográfica, foi necessário estabelecer relações entre as vivências dos participantes e os pressupostos teóricos que norteiam os vários âmbitos da pedagogia mundial. No caso desta pesquisa, relacionamos os relatos dos participantes às diferentes teorias pedagógicas que eles ilustram e os analisamos em nível social e cognitivo.

### **Instrumentos de geração de dados e perfil dos participantes**

Para gerar os dados desta pesquisa etnográfica, optamos por utilizar um questionário auto-aplicado (GIL, 2008), que foi respondido por um grupo heterogêneo de aproximadamente 45 pessoas. Os entrevistados eram estudantes dos cursos de Letras português-inglês, Letras português-tradução e Pedagogia de uma instituição de ensino superior no Estado do Rio de Janeiro. Duas perguntas foram elaboradas de forma descritiva, e um grupo de aproximadamente cinquenta participantes responderam ao questionário. A primeira pergunta: “Pense em um professor(a) que marcou sua vida escolar/acadêmica e responda: O que ele(a) fazia de diferente dos demais professores? Porque ele(a) foi importante para você?” estimulava uma recapitulação de suas vivências. A segunda pergunta: “Para você, o que faz bons professores serem ÓTIMOS professores?” propunha que os participantes refletissem acerca das características que julgavam essenciais da prática pedagógica.

Para a análise dos dados, foi feito um levantamento dos conceitos previamente estudados durante nossa formação acadêmica superior, acrescido de uma pesquisa dentro do campo teórico pedagógico. Sendo assim, associamos as respostas dos entrevistados às bases teóricas que fundamentaram esta pesquisa de forma a aumentar as possibilidades de análise e interpretação. Para proteger a privacidade dos participantes, suas identidades foram omitidas.

### **Análise de dados e discussão**

Encerrado o período de geração de dados – que durou aproximadamente dois meses – iniciamos a análise das respostas dos participantes com base na revisão da literatura acerca do tema. Dividimos essa etapa em quatro partes:

- 1) Primeira parte: selecionamos seis respostas à primeira pergunta, cujo conteúdo ia ao encontro do nosso levantamento teórico.

- 2) Segunda parte: elaboramos um gráfico com as palavras mais frequentemente mencionadas pelos participantes, as quais utilizamos para fundamentar a parte três deste trabalho.
- 3) Terceira parte: analisamos sete respostas à segunda pergunta e destacamos as principais habilidades que, segundo os entrevistados, um ótimo professor possui.
- 4) Quarta parte: fizemos um apontamento geral sobre a perspectiva da pesquisa e elencamos pequenos gestos que fazem a diferença na prática docente.

A tabela abaixo apresenta as frases selecionadas referentes à parte um, que serão analisadas em seguida:

**Parte 1 - Análise da primeira pergunta: “Pense em um professor(a) que marcou sua vida escolar/acadêmica e responda: O que ele(a) fazia de diferente dos demais professores? Porque ele(a) foi importante para você?”**

Quadro 1 – Parte 1

Pergunta 1 – Respostas selecionadas
Excerto 1, participante nº 21: "Ela sempre era bem receptiva aos alunos e sempre levava coisas interessantes para a aula, como filmes e vídeos que tinham alguma conexão com a matéria da aula."
Excerto 2, participante nº 25: "Ele estava sempre se aprimorando, se capacitando para novos desafios."
Excerto 3, participante nº 26: "A forma como ele abordava os assuntos fazia com que os alunos se interessassem mais pela matéria."
Excerto 4, participante nº 2: "Ela se preocupava com a minha saúde mental e nunca duvidou da minha capacidade."
Excerto 5, participante nº 28: "Ela foi uma professora que entendia a dificuldade do aluno como uma oportunidade de entender mais."
Excerto 6, participante nº 4: "Ele estava interessado em conhecer o aluno, chamando-o pelo nome."

Iniciamos a nossa reflexão com o primeiro excerto, destacando como é importante que o docente busque criar conexões entre os conteúdos e a realidade dos alunos, conforme apontado por Libâneo (1994). Podemos perceber isso quando o participante nº 21 utiliza as palavras “que tinham alguma conexão com a matéria”, evidenciando que, em seu conceito, a prática de um bom professor tem como ponto de partida o próprio aluno.

O segundo relato nos indica que um bom professor busca ir além das expectativas, ou seja, além do que seria estritamente exigido de seu cargo. Um docente que está disposto a criar vínculos entre escola e família certamente deve buscar se atualizar para enfrentar novas situações que surgem durante suas aulas. Como afirma o grande filósofo Platão: “O que não se tem ou o que não se sabe, também a outro não se poderia dar ou ensinar” (380 A.C., p. 15). A capacitação profissional demonstra zelo por seu trabalho e reflexão sobre seus próprios posicionamentos, refletindo a abertura à escuta (UR, 1996; CHALITA, 2001).

A desenvoltura profissional do docente é também um dos pontos positivos para a prática pedagógica. No terceiro relato, depreendemos que há diversas formas de expor o conteúdo, mas a maneira que o docente escolherá, se for de forma cativante, captará a atenção de seus alunos ao longo das aulas. Quando Piaget argumenta que a educação é um todo indissociável, é exatamente porque “não se pode formar personalidades autônomas no domínio moral se por outro lado o indivíduo é submetido a um constrangimento intelectual, limitando-se a aprender por imposição” (1973, P. 67).

O quarto excerto nos trouxe um questionamento importante, até então não mencionado nas respostas selecionadas: porque nós, docentes, muitas vezes atribuímos pouco enfoque à saúde mental de nossos alunos se ela é tão importante? (CURY, 2014). Percebemos que talvez seja devido à falência de uma educação mais humana, sensível e resiliente. A participante nº 2 pôde apontar isso como uma qualidade de um ÓTIMO professor, ou seja, em seu trajeto escolar, isso não ocorreu com frequência, como seria esperado. Por isso, nós nos apoiamos na ideia de que o ambiente escolar deve ser acolhedor e promotor de paz (MONTESSORI, 1989; KRASHEN, 1982).

O quinto relato analisado nos levou a refletir que a dificuldade do aluno deve ser o ponto de partida para o desenvolvimento de suas necessidades. Um professor que busca aprender junto com seu aluno, que é humilde em reconhecer que não sabe de tudo, certamente entenderá que é a partir das falhas que se detectam as causas e os meios para o aperfeiçoamento (VYGOTSKY, 1989). Assim, a partir de suas dificuldades, bons professores são aqueles que encontram meios para superar as barreiras para o aprendizado, acreditando que todos são capazes de superar suas limitações. O diálogo é essencial, e quando o docente reconhece sua pequenez e busca ler o mundo através dos olhos de seus alunos, aprende mais, porque aprende junto (LIBÂNEO, 1994; HAWKING, s/d)

O sexto trecho foi o que melhor expressou a importância da afetividade dentro do ambiente escolar e dos processos de ensino-aprendizagem. Porém, devemos explicitar que a demonstração de afeto não depende de “beijos e abraços”, mas sim de atitudes recíprocas que beneficiam discente e docente: uma troca mútua de respeito e gentileza. Incluir afetivamente é afirmar que cada aluno é único, e chamá-lo pelo nome é reconhecê-lo por suas características, por sua individualidade (Lc 19, 5-6). Ao observar os gostos e interesses dos discentes, o docente consegue transformá-los em motivação para o aprendizado e, conseqüentemente, promover a valorização dos estudantes dentro do contexto escolar. Ousadamente sábio é o docente que consegue a confiança de seu aluno e constrói com ele bases sólidas para o aprender. Como

afirma Chalita (2001, p. 149): “Respeito não se impõe, conquista-se. E a amizade com os alunos é essencial. Sem afeto não há educação.”

## Parte 2 - Gráfico das habilidades

Fizemos um levantamento quantitativo das qualidades profissionais mais citadas pelos participantes. Isso nos possibilitou gerar um gráfico de frequência, em que os resultados aparecem não por graus de importância, mas sim de ocorrência no discurso dos participantes.

Uma de nossas indagações foi quanto a categorias como “domínio do conteúdo”, por aparecer com menor frequência. Porém, isso nos levou a compreender que os termos em destaque apareceram não porque são mais importantes, mas por serem talvez os menos enfocados durante a formação acadêmica dos docentes. Em outras palavras, o professor geralmente é estimulado a aprender o conteúdo e dominá-lo com maestria: isso é o básico esperado dele, o óbvio; entretanto, aprender a ensinar por meio de uma prática pedagógica que estimule outras competências além da cognição parece ser ainda um grande desafio para nossos cursos de formação profissional.



Figura 1 – Gráfico das habilidades (Fonte: as autoras).

## Parte 3 - Análise da segunda pergunta: “Para você, o que faz bons professores serem ÓTIMOS professores?”

A tabela abaixo apresenta os relatos selecionados referentes à parte três da etapa de análise de dados. Nesta etapa, ao invés de confrontarmos os relatos com a literatura que

fundamentou esta pesquisa, optamos por atribuir destaque às habilidades neles identificadas. Assim, a partir dessas competências, estabelecemos um diálogo com a teoria que embasou este estudo e apontamos a importância dessas habilidades para uma “ótima” prática docente.

Quadro 2 – Parte 3

Pergunta 2 – Respostas selecionadas	Habilidade
Trecho 1, participante nº 1: " Bons professores são aqueles que escutam, aconselham e inspiram os alunos."	Empatia
Trecho 2, participante nº 15: "Entende a realidade do aluno e faz com que as aulas tenham significado para a turma."	Dinamicidade
Trecho 3, participante nº 8: "Quando entende que o conhecimento do aluno também é válido para as suas aulas."	Inclusão
Trecho 4, participante nº 11: Bons professores são aqueles que ensinam com responsabilidade."	Respeito
Trecho 5, participante nº 3: "Eles veem a importância do seu trabalho e fazem isso com esmero."	Valorização
Trecho 6, participante nº 12: "Eles notam os alunos como pessoas."	Humanidade
Trecho 7, participante nº 2: "Ser professor é, além de ensinar conteúdo, se preocupar com a vida."	Realidade

Ao citar a prática da escuta como uma habilidade didática, o participante nº 1 evidencia quão raros são os docentes que sabem ouvir seus alunos com verdadeira atenção, não apenas decifrando palavras, mas dando valor às suas opiniões. Esses professores são aqueles com quem os alunos se sentem seguros em compartilhar suas dificuldades, sabendo que serão respeitados e apoiados. Por isso, destacamos a **empatia** como a qualidade central deste depoimento.

Entender a realidade dos discentes é, além de uma prática empática, uma habilidade humanizada. Somente a partir disso o entendimento dos conteúdos e de seus próprios significados estarão vinculados às suas experiências de vida e poderão ser utilizados na prática. Ao trazer atividades lúdicas que valorizam os saberes dos discentes, o docente se torna mais compreensivo. Isso é o que demonstra o participante nº 15 ao sugerir que a habilidade da **dinamicidade** leva os alunos a “pensar fora da caixa”: ela permite conseguir reconhecer-se a si mesmos e refletir sobre suas ações dentro das práticas pedagógicas.

No terceiro depoimento, destacamos a **inclusão** como habilidade essencial para a ação docente. Quando o participante nº 8 relata que um ótimo professor é aquele que considera o contexto social e intelectual de seus alunos ao lecionar, entendemos que abranger práticas externas às disciplinas escolares é incluir os alunos. Isso também está presente no sétimo relato, do participante nº 2. Se preocupar com a vida é uma forma de demonstrar que aquilo que eles já conhecem tem espaço, tem valor diante da comunidade acadêmica.

A responsabilidade é outra qualidade essencial de um ótimo professor: não adianta listarmos todas estas habilidades se não citarmos princípios éticos. Porém, se o esperado é que todos os docentes sejam responsáveis, nem sempre isso ocorre na prática. Destacamos aqui o conceito de responsabilidade primeiramente como um sinal de **respeito** pelo aluno. Se devemos



valorizá-lo como sujeito ativo e presente na sala de aula, o mínimo que precisamos fazer é respeitá-lo por meio de atitudes, gestos e palavras, assim como nós gostaríamos que fôssemos respeitados.

O quinto depoimento quebra as expectativas do próprio docente: a sincera visualização da importância de seu trabalho. Destacamos aqui a relevância da autoestima profissional e consequente **valorização** do exercício de seu ministério. Um docente que não se respeita, que não entende que possui papel de facilitador e incentivador necessário na dinâmica da sala de aula, certamente não conseguirá despertar nos outros aquilo que não percebe em si mesmo.

Conforme afirma o sexto depoimento, um ótimo professor sabe notar seus alunos como pessoas. Em nossa opinião, essa é uma das mais importantes qualidades de qualquer ser humano: ser capaz de olhar o outro com **humanidade**, com compaixão. São essas características que tocam essencialmente o lado afetivo de nossos alunos e que deixarão marcas duradouras em suas memórias. Eles podem até esquecer os conteúdos que o professor os ensinou, mas jamais esquecerão de sua presença e de seus exemplos, que os ajudarão a formar valores para a vida.

Por fim, uma das mais concretas formas de ser um ótimo docente é reconhecer a **realidade** do processo de ensino-aprendizagem. Isso significa que, ao propor qualquer atividade aos seus alunos, deve considerar que não terá sempre uma classe homogênea, onde todos atendem às suas expectativas e planos, mas que é exatamente por esse motivo que possui a oportunidade de ajudar a transformar aquilo que precisa ser modificado. Portanto, se preocupar com a vida do aluno é ir além do simples ato de ensinar: é ressignificar o conhecimento.

#### **Parte 4 - Pequenos gestos que fazem a diferença**

Na última parte desta pesquisa etnográfica, baseamo-nos em nossas experiências acrescidas das reflexões provocadas pelas respostas dos participantes. Nossa intenção era, além de simplesmente questionar, também promover uma mobilização por parte dos docentes em formação. Desta forma, uma vez reconhecidos os hábitos pouco estimulantes que poderiam estar exercendo, eles podem se sentir mais alertas quanto à necessidade de modificar seus posicionamentos. Para isso, listamos seis atitudes que fazem a diferença na prática didática: pequenos gestos que professores podem pôr em prática almejando um melhor desenvolvimento de suas capacidades docentes. Vejamos a seguir:

### 1) Cumprimentar

Tendo em vista que as relações de respeito entre qualquer grupo social são essenciais para que haja uma comunicação saudável e benéfica, nas situações didáticas não poderia ser diferente. Um aceno, um “bom dia” são práticas comuns do dia a dia estritamente necessárias para uma relação no mínimo cortês, que reforçam a importância de uma educação para além dos conceitos das disciplinas que eles lecionam. Portanto, um bom docente deve estar atento à cordialidade, lembrando-se sempre de que cada aluno é importante e precisa ser prestigiado – primeiro por sua integridade humana, segundo por suas contribuições intelectuais e sociais que cooperam para que juntos, docente e discentes, construam um ambiente de aprendizagem acolhedor e dinâmico (KRASHEN, 1982).

Também em meio aos outros relatos que não foram selecionados, pudemos perceber a diferença causada pela simples utilização de palavras e atitudes gentis, que favorecem um clima de atenciosidade e respeito recíprocos entre os envolvidos. Cumprimentar é, acima de tudo, reconhecer que o outro tem valor, tem presença, não é um objeto – é a “humanização” em seu aspecto mais singelo.

### 2) Reconhecer erros e limitações

Este é um tópico de grande importância, que gera inclusive controvérsias. Em algumas culturas, é inadmissível a exposição das falhas de pessoas consideradas “modelos”, por acreditarem que isso desmerece seu cargo ou título social. Entretanto, entendemos que é fundamental que o docente reconheça seus erros e busque melhorar em sua prática, tanto em particular como em público. Isso permite uma reflexão profunda sobre si mesmo e favorece a simplicidade no trato com os demais. Além disso, ao desmistificar a ideia de que o professor é o detentor de todo o conhecimento, abrimos espaço ao diálogo sem medo de constrangimento, e os alunos conseguem ver seus mestres com mais humanidade e sensibilidade e sentem-se mais confiantes em expor suas dúvidas (HOWARD, 1984; UR, 1996).

Ver a realidade com os olhos de quem ensina ajuda os aprendizes a desenvolver seus objetivos em relação ao que desejam e transforma os obstáculos em metas alcançáveis. Admitir falhas, portanto, permite a compreensão da imperfeição humana, a saída da zona de conforto em busca de formas alternativas para lidar com as situações; por fim, liberta a mente para aprender sempre mais.

### 3) Estimular

Entendemos que um verdadeiro estímulo educacional ocorre quando o docente busca estimular seus alunos por meio de palavras e expressões, reconhecendo suas limitações e incentivando-os a ir além. No simples ato de encorajar, ele mostra o quanto acredita no potencial

do aluno, no que ele é capaz de realizar em meio às circunstâncias de aprendizado. Para além disso, ele busca fornecer oportunidades para que o discente cresça e se desenvolva e, ao final, ambos podem constatar que a alegria pela conquista não está no que foi alcançado, mas sim na caminhada percorrida (LIBÂNEO, 1994).

Para colocar esse pequeno gesto em prática, deve-se ter em mente que dar estímulo não se restringe a oferecer recompensas por uma atitude ou tarefa realizada com sucesso, muito menos utilizar gratificações – o que pode tornar-se um círculo vicioso ao invés de estimular as capacidades da criança. O docente deve começar por frases que levantem sua autoestima em relação à atividade realizada, como “Muito interessante a sua colocação, Maria!” ou em “Gostei do seu olhar atento, João! Obrigado por compartilhar isso conosco”. Deve estar atento a não associar características pessoais a acontecimentos momentâneos, como ao elogiar um aluno e destacá-lo sempre como inteligente sem explicar por que isso pode ser percebido: deve evitar gerar um clima de rivalidade entre os alunos e terminar por polarizar a classe como um todo.

Sabendo que a importância está no processo e não no resultado, o docente deve compartilhar dos mesmos ideais, alegrando-se com os pequenos progressos e dizendo palavras positivas nos momentos difíceis. Somente se compreendermos a significância de estimular – e soubermos a forma correta de fazer isso – estaremos levando a sério o ato de aprender.

#### 4) Referenciar e valorizar opiniões

Nas relações sociais, não há quem não aprecie ser valorizado – seja por seus feitos, suas capacidades ou conquistas. Na esfera escolar não poderia ser de outra forma, pois ter sua opinião reconhecida e considerada pelo professor estimula o envolvimento do estudante nas aulas e faz com que os alunos reconheçam nele um incentivador, e não um mero “repassador de conteúdos”. Deste modo, o docente estará quebrando as barreiras da autossuficiência, além de proporcionar à turma um ambiente agradável de reciprocidade e confiança, onde todos têm direito à fala e são ouvidos com respeito.

Ao referenciar as falas e/ou história de vida dos alunos durante as aulas, o educador estará prestigiando-os com uma das mais cativantes formas de integração social: está unindo o conhecimento à vida, à realidade de cada um (LIBÂNEO, 1994; CHALITA, 2001). Essa prática – simples, mas de grande eficácia – definitivamente torna-se um diferencial na prática do docente, pois evidencia que sabe utilizar seus conhecimentos para levar seus alunos a refletir sobre questões ligadas à autoestima e à dignidade.

#### 5) Pedir ajuda

Assim como descrito no gesto nº 2, pedir ajuda também é demonstração de sincera franqueza, um ato de humildade. Sábio é o profissional que se deixa ajudar ao longo da

caminhada e, mesmo com tantos anos de experiência pedagógica, consegue questionar-se a si mesmo e buscar meios para esclarecer suas dúvidas. Além disso, não é vergonhoso procurar aprender novas formas de ministrar suas aulas, pelo contrário, esse gesto só enriquece a experiência profissional do docente.

Por “pedir ajuda”, entendemos a importância da abertura a novas ideias, a novas aprendizagens. Essa atitude talvez seja tão difícil de ser percebida por se tratar de um xeque-mate: o profissional se coloca como vulnerável. Mas acreditamos que não há nada desmerecedor nisso uma vez que, ao reconhecer suas limitações, poderá tirar bom proveito dos resultados encontrados e aprimorar suas qualidades. E por que não solicitar ajuda dos próprios discentes? Um ato de extrema coragem e autoconfiança! Desta forma, pouco a pouco o docente caminhará a passos largos de uma conquista profissional autônoma e reflexiva de quem não tem medo de ser questionado, pois conhece seu potencial.

#### 6) Fazer junto

Mais do que somente cobrar dos alunos, um bom docente tem a consciência de que antes de exigir qualquer coisa, ele mesmo precisa oferecer, ou seja, precisa ser o próprio exemplo daquilo que propõe. Não adianta apresentar ideias mirabolantes e soluções fantásticas ao explicar os conteúdos se na prática a realidade é divergente. Ao explicar e propor atividades coletivas e momentos de discussão de ideias, o docente pode inserir-se na realidade dos alunos e transmitir a segurança necessária para que se sintam agentes de suas próprias conquistas.

Realizar atividades em conjunto também possibilita um resultado coletivo, o que possui um significado muito maior simplesmente por ter sido compartilhado com os demais. Para isso, é necessário o “fazer junto”, pois assim o docente estará colocando-se como aprendiz – um eterno aprendiz. Mesmo quando possuímos títulos e premiações de destaque profissional, na prática, somos todos aprendizes. Ao se fazer um com os demais, um ÓTIMO professor mostra com a vida que o que ensina é possível de ser realizado.

Quadro 3 – Exemplos concretos de situações cotidianas

<b>Atitudes</b>	<b>Exemplos</b>
<b>Cumprimentar</b>	1. “Bom dia, Maria! Animada para a aula de hoje?” 2. “Tenha um bom final de semana, João! Nos vemos na segunda.”
<b>Reconhecer erros e limitações</b>	3. “Estou em dúvida sobre esse aspecto. Irei pesquisar e te dou a resposta na quarta-feira, ok?”
<b>Estimular</b>	4. “Fico feliz pelo seu progresso, Ana. Sua escrita está evoluindo bastante nestas últimas semanas!” 5. “Percebi que suas linhas do tempo são bem elaboradas nas atividades de resumo. Poderia tentar desenhar um modelo para nós aqui no quadro para a aula de hoje?”

<b>Referenciar e valorizar opiniões</b>	6. “Interessante esse seu ponto de vista, Carlos. Poderia compartilhar com a turma na próxima aula? Acredito que irão gostar.” 7. “Muito bom, Júlia! Poderia nos dizer como conseguiu chegar a esse conceito?”
<b>Pedir ajuda</b>	8. “Professora Raquel, pode dar uma olhadinha nessa proposta? Achei interessante e queria levar para eles na aula de amanhã. Como você acha que posso adaptar para a realidade dos meus alunos?” 9. “Turma, preciso que vocês pesquisem o tema da questão 3 para discutirmos na próxima aula. Tragam suas contribuições e faremos um mapa mental no quadro.”
<b>Fazer junto</b>	10. “Vamos lá, pessoal! Enquanto começam, irei passando pelos grupos para ver o progresso de vocês. Daqui a uns cinco minutinhos começamos a corrigir oralmente, combinado?” 11. “Ok, Joana, a introdução ficou excelente. Gostei do tópico frasal que você utilizou aqui, mas nessa segunda parte podemos fazer diferente, o que acha? Tenho uma sugestão.”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, que surgiu de um questionamento simples, nos levou a tocar diversas áreas sociais, físicas e cognitivas que nem poderíamos imaginar em um primeiro momento. Ficamos surpresas com a qualidade das respostas, e nos parecia que cada depoimento abria um leque de informações que poderíamos explorar. Isso tornou a etapa da análise muito mais dinâmica do que o esperado.

Todas as etapas da pesquisa foram realizadas com muita observação e meditação, e isso tornou-a, em nossa opinião, um instrumento de reflexão para uma prática pedagógica significativa. Conseguimos ver parte de quem nós somos como docentes em meio a essas linhas, aumentando em nós a determinação em buscar meios pelos quais a educação seja não apenas um caminho da busca pelo saber, mas primordialmente pelo ser pedagógico. Esse é, de fato, o caminho para uma educação que pode transformar o mundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2001.

COSTA, Dóris Anita Freire. **Superando limites: A Contribuição de Vygotsky para a educação especial**. Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia. Artigo de revisão, ano 2006, vol. 23, ed. 72. Disponível em: <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/378/superando-limites--a-contribuicao-de-vygotsky-para-a-educacao-especial> Acesso em: 3 nov. 2022.

CURY, Augusto. **Ansiedade: como enfrentar o mal do século: A Síndrome do Pensamento Acelerado: como e porque a humanidade adoeceu coletivamente, das crianças aos adultos**. São Paulo: Saraiva, 2014.

FADEL, Charles; BIALIK, Maya; TRILLING, Bernie. **Educação em Quatro Dimensões: As competências que os estudantes devem ter para atingir o sucesso**. Boston: Center for Curriculum Redesign, 2015.

**FRASES de Stephen Hawking**. O Pensador. Disponível em: [https://www.pensador.com/frases\\_stephen\\_hawking/](https://www.pensador.com/frases_stephen_hawking/) Acesso em: 6 nov. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOWARD, Walter. **A música e a criança**. São Paulo: Summus, 1984.

KRASHEN, Stephen D. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. University of Southern California, 1982.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LOPES, L. P. da M. Pesquisa interpretativista em lingüística aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 10, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45412>. Acesso em: 30 maio 2023.

MONTESSORI, Maria. **A criança**. 4ª ed. Círculo do Livro, 1989.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1973.

PLATÃO. **O banquete**. 380 A.C. Domínio público. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000048.pdf> Acesso em: 8 nov. 2022.

SALOMÃO, Gabriel. **A paz de Montessori**. Lar Montessori: A educação como uma ajuda à vida. 17 de ago. de 2013. Disponível em: <https://larmontessori.com/2013/08/17/a-paz-de-montessori/> Acesso em: 4 nov. 2022.

TERRONEZ, Azul. **What makes a good teacher great?** 02 fev. 2017. 1 vídeo (15 min). Publicado pelo canal TEDx Talks. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vrU6YJle6Q4> Acesso em: 13 abr. 2023.

UR, Penny. **A Course in Language Teaching: Practice and Theory**. Cambridge University Press, 1996.

VYGOTSKY, L. S. Obras completas. **Tomo cinco: Fundamentos de Defectologia**. Havana: Editorial Pueblo Y Educación, 1989.